

Por estar próximo aos alunos, orientador educacional vira confidente. Conversa sobre sexo, drogas...

Cibelle Colmanetti
Da equipe do Correio

Os sons ainda estão um pouco desencontrados. Pandeiros, surdos, atabaques, chocalhos nem sempre se harmonizam. Mas os aprendizes de músicos são persistentes. Para melhorar o desempenho, ensaiam com afinco durante o recreio da Escola Classe 42, de Taguatinga Norte. Resultado: o interesse pelos instrumentos se tornou tão grande que os alunos esqueceram as brigas, correrias e badernas antigamente comuns durante o intervalo de aulas.

O projeto, chamado *Escola de Pagode*, é obra da orientadora educacional da Escola Classe, Simone Jales de Oliveira. Preocupada com o crescimento dos casos de violência em instituições de ensino em todo o país, ela resolveu agir de modo preventivo. Reuniu-se, em agosto, com as turmas e verificou que a insegurança também fazia parte da rotina dos próprios estudantes. Nascia, assim, o grupo de samba para afastar crianças e adolescentes da rua e das drogas.

Trabalhos como o de Simone são apenas uma das possibilidades de atuação de orientadores educacionais. Profissionais formados em Pedagogia, eles têm grande importância nos estabelecimentos de ensino pois ultrapassam os muros da escola, ligando pais, alunos e professores. Em 4 de dezembro, comemoram seu dia. "O orientador educacional faz a ponte entre o bem estar do aluno na escola e na família. Se a criança estiver com algum problema em casa, isso se refletirá no seu rendimento escolar", diz Terezinha Vilarinho, chefe da seção de Orientação Educacional da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF).

Ela acrescenta que o orientador, apesar de não ser um psicólogo, é um profissional com experiência e disponibilidade para atender pais e alunos. "Hoje em dia, os pais têm muitas dúvidas sobre a criação dos filhos. Como conversar sobre sexualidade, impor limites, afastá-los da violência. Conversar com o orientador pode ajudar muito", sugere.

Pois foi por meio do diálogo que Simone de Oliveira decidiu criar a Escola de Pagode. Passou a reunir alunos que apresentavam problemas em casa e em sala de

Um amigo na escola

Fotos: Nehil Hamilton



A orientadora educacional Simone e o grupo de alunos da Escola de Pagode: iniciativa para afastar crianças e adolescentes da rua e das drogas

aula e que costumavam fugir para a rua com muita freqüência. "Na rua, os perigos são muito grandes. Por isso decidimos trazer de volta o estudante para a escola", conta Simone. Ela mesma ensinou meninos e meninas a tocar.

Às terças e quintas, os recreios dos turnos matutino e vespertino se transformam em grandes

ensaços. Os integrantes tocam tanto de manhã quanto à tarde e são eles quem garantem que as brigas, os acidentes e a confusão praticamente acabaram.

"Antes de tocar, eu costumava brigar durante o recreio", diz, sincero, Eduardo Moreira Lima, 12 anos, aluno da 4ª do ensino fundamental. Há três meses, ele co-

meçou a tocar triângulo e se tornou um dos mais assíduos músicos no horário da manhã. Mas é relapso durante a tarde, quando prefere jogar videogame. Segundo ele, a música transformou a escola em um lugar mais divertido e alegre. "Até minhas notas aumentaram", assegura.

Por estar muito ligado aos

alunos, o orientador educacional acaba virando uma espécie de confidente. É o amigo mais velho, procurado para conversar sobre sexo, drogas, relacionamentos com pais e professores. Madger Nilsen de Oliveira, 11 anos, aluno da 4ª série da Escola Classe 21, em Ceilândia Sul, sempre busca os conselhos da

orientadora de sua escola, Ranilce Guimarães.

Filho de pais divorciados, ele mora com as duas irmãs adolescentes na casa da avó. A mãe foi embora para a Bahia. Quando bate a saudade, Madger procura Ranilce para conversar. "Ela me ensinou a ser mais maduro", afirma.

Além do trabalho direto com os alunos, os orientadores atuam em conjunto com os professores. Muitas vezes o profissional têm informações sobre a vida do estudante que explicam determinados comportamentos. Esse diálogo pode impedir que o professor tome atitudes que acabem piorando o quadro.

A ação em equipe também ocorre na elaboração de projetos escolares. Na Escola Classe 21, por exemplo, Ranilce idealizou programas que valorizam a formação da cidadania e a convivência fraterna. "Para atingir nossos objetivos, toda a escola precisa estar envolvida. Por isso, o trabalho não é de uma pessoa e sim de professores, estudantes, servidores e pais", acredita a orientadora.

Quando os estudantes chegam ao ensino médio, os profissionais se vêem às voltas com dúvidas vocacionais, o que não significa que deixem de tratar de outros problemas. Segundo Rosimeiry de Castro Nascimento, orientadora educacional do colégio Inei, os adolescentes passam por verdadeiro estresse na hora de escolher a carreira.

"Jovens de 17 anos ainda são muito imediatistas e sentem dificuldades de planejar o futuro", diz. Para tentar esclarecer a mente de garotos e garotas nesta fase da vida, Rosimeiry troca o gabinete pelo corredor, pelo pátio, pela entrada do colégio. Assim, deixa de lado a formalidade e vira realmente amiga da galera.